

Estágios de gramaticalização da noção de tempo - processos de combinação de orações

Maria Célia Lima-Hernandes (USP)

Resumo

O objetivo deste artigo é, numa orientação funcionalista, discutir os graus de gramaticalização das orações de tempo do português. Para tanto, a partir de dados dos dialetos carioca e popular paulista, propõe-se a descrição dos usos e a explanação das implicações sintáticas para os processos de combinação de orações sob a perspectiva da gramaticalização.

Palavras-chave: Gramaticalização; Combinação de orações; Orações temporais.

Introdução

Os conectivos, segundo HALLIDAY & HASAN (1983:229), não são fundamentais para o estabelecimento de relações de sentido entre orações: *"he is aware that certain types of phenomena are likely to be linked to one another by certain*

types of meaning relation." A explicação para o fato prende-se à capacidade de o falante reconhecer que uma mesma relação pode ser desencadeada sob mais de uma forma diferenciada. Assim, as relações de significação podem ser estabelecidas entre duas orações por outros meios que não o emprego de conectores e, nas palavras de HALLIDAY & HASAN, essas relações conjuntivas não são lógicas, mas sim textuais. Dessa forma, quando ouvimos dois blocos informacionais, tendemos a interpretá-los como um todo. Esse aspecto será também elaborado por MANN & THOMPSON (1986), ao postularem as proposições relacionais.

HOPPER & THOMPSON (1985:178), apoiados em HALLIDAY & HASAN (1983), afirmam que os conectores são originalmente motivados pelo desejo que o falante tem de ser claro e informativo, com vistas à interpretação das orações construídas.

Concordo com esses autores quanto a não ser a conjunção um elemento imprescindível para o estabelecimento da combinação de orações numa sentença complexa, ou seja, a relação sintática entre as orações pode ser estabelecida mesmo em orações justapostas. Por outro lado, a escolha do tipo do conectivo para expressar determinada relação pode ser crucial na gramaticalização da noção que carreia. O conector 'quando', numa construção complexa em que mais de uma relação semântica aflora, ratifica essa afirmação:

- (1) *quando eu falá pra você* que eu vô batê...você tem que obedecê...entende? [pop117]
(1a) se eu falá pra você que eu vô batê...você tem que obedecê...entende?

Uma conjunção, tradicionalmente temporal, desencadeia a relação de condição e nos permite considerar um novo uso para uma velha forma. Esse fenômeno não pode ser desprezado nos estudos funcionalistas, uma vez que pode envolver explicações de mudança histórica, tais como aquelas fundamentadas na gramaticalização.

Já que a mudança lingüística se concretiza de forma lenta e gradual, num estudo sincrônico, como é o caso deste, é possível observar as variações de uso que podem ou não desencadear mudanças lingüísticas. Em outras palavras, em sincronia, é possível identificar *layerings*¹, camadas de usos que convivem, mas com idades diferentes.

Para identificar essas camadas ou graus de gramaticalização, a observação das conjunções é essencial como índice de uma gramática que está sempre em construção, sempre se renovando, embora, conforme HARRIS & CAMPBELL (1995), valendo-se dos recursos já existentes na língua.

Uma vez que gramaticalização também é processo evolutivo pelo qual itens gramaticais surgem (CRAING 1991:45), a observação do elemento articulador das orações não pode ser desprezada. A forma desse elo pode facilitar a identificação das novas camadas que continuamente surgem e passam a 'funcionar' ao lado de camadas mais antigas.

Essas camadas podem ser examinadas à luz de parâmetros de recorrência, critério que favorece observar a especialização² de determinados itens lexicais, de classes particulares de construções ou de registros sociolingüísticos.

1 Processos de combinação de orações temporais

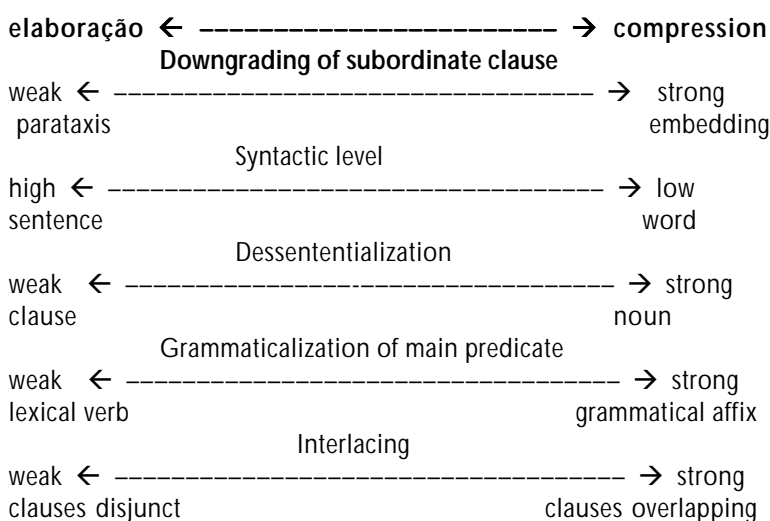
Na visão funcionalista, a segmentação dos processos de combinação de orações em subordinação e coordenação não é satisfatória e um dos maiores focos de discordância diz respeito especificamente ao conjunto das subordinadas, que agregam tipos oracionais diversificados – substantivas, adjetivas e adverbiais – com diferenças comportamentais bastante evidentes.

Para THOMPSON (1984), não há normalmente critérios razoáveis que dêem conta de tudo o que, na língua, se classifica como subordinação. Esta autora distingue dois tipos de subordinadas. O primeiro inclui dois subgrupos diferenciados pelo termo relacional. Se em constituição com um nome, são reconhecidas como orações relativas; se em constituição com um verbo ou preposição, são orações-complemento. Os exemplos apresentados por THOMPSON sugerem que, considerando a terminologia tradicional, as primeiras seriam equivalentes às orações adjetivas restritivas, e as segundas, às reduzidas de infinitivo e às objetivas respectivamente.

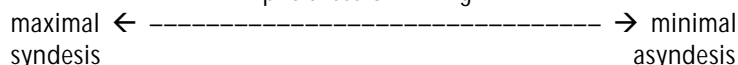
No segundo grupo, são incluídas as adverbiais, participiais e relativas não-restritivas. Essas orações são diferentes daquelas do primeiro grupo por não desempenharem função dentro da outra oração e serem apresentadas como não-dependentes.

LEHMANN (1988:217) revê a classificação dos processos de combinação de orações a partir de seis parâmetros: hierarquia gradual de orações subordinadas, nível sintático do constituinte a que a oração subordinada se liga, dessentencialização da oração subordinada, gramaticalização do verbo principal, entrelaçamento das duas orações e explicitude do elo conectivo.

A partir da combinação desses parâmetros, o autor propõe vários *continua* organizados sob dois parâmetros: elaboração e condensação. Essa polaridade, de acordo com LEHMANN, reflete a organização dos processos de ligação de oração em termos de graus.

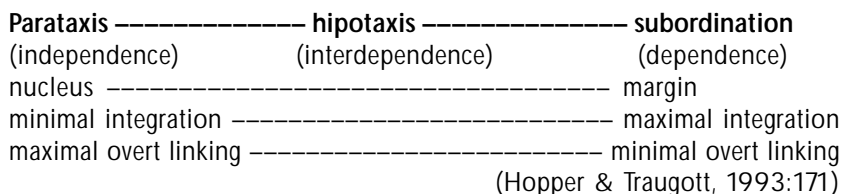


Explicitness of linking



Embora não explicita todos os tipos oracionais que podem ser identificados, o autor não exclui a possibilidade de existirem outras orações nos pontos intermediários desse *continuum*. Do ponto de vista da gradiência de combinação de orações, a parataxe representa fraco grau de vinculação na elaboração, enquanto o encaixamento, o mais forte grau. Todos os *continua* partem de um pólo de máxima elaboração em direção a um pólo de máxima condensação do léxico e da informação gramatical.

Na perspectiva da gramaticalização de estruturas oracionais, HOPPER & TRAUGOTT (1993), como LEHMANN, propõem dois critérios para o estabelecimento de um *continuum* de orações: dependência e encaixamento. Dividem, assim, os processos de combinação oracional em três tipos: 1. *parataxe*, caracterizada pela independência entre as orações que compõem a seqüência; 2. *hipotaxe*, evidenciada pela interdependência entre as orações combinadas, havendo uma oração-núcleo e uma ou mais orações com relativa dependência, as orações-satélite; 3. *subordinação*, marcada pelo grau máximo de dependência, com uma das orações funcionando como constituinte de outra. Tomando, dessa forma, o critério da integração sintática, os autores representam esses processos da seguinte maneira³:



Para compreender como se instanciam tais processos nas orações do português, uma tarefa básica de funcionalistas que lidem com gramaticalização em sincronia é justamente traçar o *continuum* de estágios de gramaticalização das orações complexas que codificam uma noção. É o que faço, neste artigo, com relação à noção de tempo.

Assumo, para tanto, como ponto de partida o *continuum* de HOPPER & TRAUGOTT (1993), por considerá-lo um modelo interessante para a análise de dados do português do Brasil, com a ressalva de que, a fim de evitar a confusão de rótulos, decorrente do emprego do termo 'subordinação', procedo à substituição do mesmo pelo termo 'encaixamento': Parataxe > Hipotaxe > Encaixamento⁴.

2 As orações de tempo no português do Brasil

Com relação à noção de tempo, mostro, a partir de 659 dados⁵, que ela pode ser codificada pelos processos de combinação de orações que envolvem

parataxe, hipotaxe, encaixamento e também estruturas intermediárias, que podem constituir o elo perdido⁶ entre um estágio e outro de gramaticalização.

2.1 Parataxe – estruturas justapostas e intermediárias

A *justaposição* constitui o processo pelo qual o falante apresenta orações lado a lado, sem o emprego de conectivos explícitos, portanto numa seqüência formalmente desconexa. A interpretação de tempo resulta da leitura da seqüência das duas orações justapostas, com entonação especial⁷.

- (2) isso, eles vive dizendo isso, *eu nem sonhava em ter filho ainda*[peul143]
- (3) ela...o *cachorrinho morreu*...ela enterrô encostadinho na parede nossa aí [pop18]
- (4) porque...*cheguei*...já tinha passado a reunião [pop52]

A *Estruturação Intermediária 1* corresponde às ocorrências em que as orações são acompanhadas de seqüenciadores narrativos do tipo *e*, *então*, *aí* e *depois*.

- (5) *aí eu estava jogando bola*, ele me chamou para mim ir [peul62]
- (6) *então eu acabava o meu/a minhas coisas de casa...lição...tudo*...corria pra casa [pop90]
- (7) *e eu chego*...tá tudo em orde [pop211]
- (8) *depois chegá na hora*...não é da gente [pop300]

Numa seqüência coordenada prototípica, as orações apresentam o conector entre as duas orações, diferentemente das orações analisadas. Nesses casos, o elemento coordenativo aparece no início da primeira oração, o que impede considerá-la como coordenada.

2.2 Hipotaxe – graus em finitude

As orações que codificam o tempo da ação expressa na oração-núcleo foram classificadas como hipotáticas de realce. Tais orações aparecem no português sob duas formas que podem ser distintas em termos de grau de finitude do verbo da hipotática.

As orações *finitas* de tempo explicitam essa relação por meio de uma conjunção subordinativa e equivalem, numa perspectiva tradicional, às subordinadas adverbiais temporais desenvolvidas.

- (9) ela fica apavorada *quando a gente sai* [peul56]
- (10) *depois que teve essa briga com a minha mãe e meu pai*, eu, sei lá, tomei pavor do lugar [peul147]
- (11) *quando eu tava fazendo isso*... as coisas aqui era pió [pop154]
- (12) *enquanto o vizinho aí do lado tá falando*...você não consegue dormi [pop184]

As orações *não-finitas*⁸ têm por característica o emprego de verbos em suas formas nominais e, quando transformadas em desenvolvidas, equivalem a uma oração temporal, com conectivo prototípico presente na estrutura de superfície. Compõem o grupo das hipotáticas não-finitas orações introduzidas por verbos na forma gerundiva.

- (13) fica todo mundo pacato, *vendo aquele filme* que aparece de Natal [peul53]
(14) *passando o cemitério...*o ônibus faz aquelas voltinha [pop36]

2.3 Encaixamento – graus intermediários e prototipicidade

O rótulo empregado para identificar o conjunto das orações apresentadas a seguir remete às estruturas que reclamam um complemento, fornecido em outra estrutura oracional. A seqüência que integra como complemento a outra oração é chamada matriz e a oração integrada àquela é chamada oração constituinte ou encaixada. Seguindo esse raciocínio, considero estruturas de encaixamento as seguintes: estruturação intermediária 2 e estruturação de encaixamento prototípico.

A *Estruturação Intermediária 2* representa um conjunto de estruturas compostas por oração matriz e oração de tempo numa noção de encaixamento próxima ao da formação por relativização da gramática gerativa⁹. A diferença resume-se em dois aspectos: ao tipo de pronome relativo empregado e à equivalência morfológica da oração.

Naquelas estruturas analisadas pela gramática gerativa, o pronome relativo *que* é invariavelmente empregado e a oração mantém equivalência funcional de um adjetivo. Nestas estruturas intermediárias, a partícula *quando* faz as vezes do pronome relativo e produz, na oração, a equivalência morfológica de um advérbio. Tanto em uma estrutura quanto em outra, o rótulo é aplicável a construções que podem desempenhar funções sintáticas de adjunto adnominal e de aposto.

Os dados do português revelam exemplos de orações combinadas num processo muito próximo da 'relativização' em dois níveis: um nível mais encaixado, mais integrado, mais necessário para o sentido da oração matriz e outro nível menos encaixado, mais independente, menos necessário para o sentido da oração matriz. Esses dois níveis de encaixamento com o emprego do conectivo *quando* resultaram em dois tipos de orações (determinativa e apositiva), que apresento a seguir.

Funciona como *determinativa* a estruturação cujo conector relaciona a proposição posterior ao termo antecedente, restringindo ou especificando¹⁰. É, assim, uma informação imprescindível ao sentido pretendido pelo falante.

- (15) antigamente...*quando um cara falava assim...*ela já pensava que era verdade mesmo [pop236]
(16) porque eu sempre, *quando eu era pequeno*, não é? eu ficava lá [peul70]
(17) sexta-feira, *quando eu apanhar meu filho no colégio*, eu vou para lá [peul148]

Atuam como *apositivas* as estruturas oracionais cujo conector desempenha a função sintática de relacionar a proposição posterior ao termo antecedente. O relativo *quando*, neste tipo de oração, introduz uma informação acessória.

As orações *apositivas* representam, assim, uma informação prescindível em relação ao termo antecedente, parte da oração matriz. Nesse sentido, as orações *apositivas* funcionam como conteúdo dispensável, como elemento facultativo, uma seqüência acessória¹¹.

- (18) antigamente...*quando eu vim pra São Paulo*...naquele tempo os campeonato era só sábado e domingo né? e era só no Pacaembu...eu ia todo sábado e domingo[pop347]
- (19) naquele tempo...*quando a gente criô lá na roça*...eles não registrava os filho home...só as mulhé né? [pop365]
- (20) em 80, *quando eu cheguei aqui*, foi o papai noel no Maracanã [peul105]

Esse comportamento relativizador das orações de tempo pode ser explicado, em parte, pelo Princípio da Informatividade (Atlas & Levinson 1981), segundo o qual o falante é tão informativo quanto possível, dada a necessidade da situação. TRAUGOTT & KÖNIG (1991:192) discutem esse princípio de uma perspectiva histórica e afirmam que *"the principle of informativeness and relevance presumably drives speakers to attempt to be more and more specific thought grammatical coding, and most specially to invite hearers to select the most informative interpretation"*. Assim, se o falante observa, ao falar, que a marcação do tempo pelo advérbio conferiu ao enunciado baixa informatividade, esse falante intercala uma oração que restrinja ou explique a informação temporal codificada.

A *Estruturação Intermediária 3 - encaixamento*¹² representa parcialmente o conjunto das chamadas subordinadas na gramática tradicional, uma vez que identifica as orações com funções de substantivo e de adjetivo dentro de outras orações. Todas as orações que funcionam como constituinte sintático substantivo da oração matriz fazem parte deste conjunto de encaixamento prototípico.

É importante notar que essas orações assumem um caráter ambíguo: ao mesmo tempo em que admitem uma classificação de oração-complemento, podem perfeitamente admitir uma classificação de oração-satélite, daí o rótulo *estruturação intermediária*.

As orações *encaixadas subjetivas* e *encaixadas objetivas* desempenham, respectivamente, função sintática de sujeito (exs. 21 e 22) e de objeto (exs. 23 e 24) da oração matriz.

- (21) mas é ruim demais *quando a gente descobre* [pop152]
- (22) ainda mais, *quando tu marca um gol*, que tu vê aquele pessoal todo gritando o seu nome, é um desespero [peul118]
- (23) eu reconheço *quando estou errada* [peul37]
- (24) Adorava *quando a gente ia pra fazenda* [pop97]

Um grupo de orações *encaixadas* desempenha função adjetiva junto à matriz. Fazem parte deste conjunto todas as orações combinadas pela noção

de tempo, mas que tradicionalmente integrariam o conjunto das orações adjetivas. Apresentam-se formalmente diferenciadas pela finitude do verbo.

As orações *Adjetivas Finitas* são introduzidas pelo pronome relativo *que*, antecedido por um sintagma nominal. A diferença entre estas orações e aquelas classificadas anteriormente como 'relativas' (Estruturação intermediária 2) está no elemento conectivo: naquelas, o conector é a palavra *quando* funcionando como pronome relativo; nestas, o conector é a partícula poli-funcional *que*.

- (25) a hora *que eles chega...* aí eles roba [pop20]
 No exemplo apresentado, a partícula conectora pode ser interpretada como parte de uma oração intercalada; entretanto, à pergunta "quando eles roubam?", obtém-se como resposta toda a seqüência anterior à pausa.
- (25a) quando eles roubam? a hora que eles chegam
 (25b) quando eles roubam? * a hora

Dessa maneira, a resposta apresentada em (25b) não satisfaz à questão, diferentemente do que ocorre com (25a). Essa aproximação do sintagma nominal à partícula *que* sugere a possibilidade de interpretar toda a seqüência como uma locução, tal é o grau de integração de seus componentes.

As orações *adjetivas não-finitas* apresentam seus verbos categoricamente na forma infinitiva, precedidos por uma seqüência de advérbio de tempo + preposição.

- (26) *na hora de dormir...*aquela sirene ali fica tocando [peul165]

Em síntese, é possível codificar tempo em orações complexas por meio dos processos de parataxe, hipotaxe e encaixamento, incluindo-se, nos intervalos entre as estruturações prototípicas, aquelas que revelam características do estágio anterior ao mesmo tempo em que já apresentam um comportamento próximo ao do conjunto situado num estágio mais avançado de gramaticalização:

Parataxe	Estruturação justaposta Estruturação intermediária 1		
Hipotaxe	Estruturação finita Estruturação não-finita		
Encaixamento	Estruturação intermediária 2	determinativa apositiva	
	Estruturação Intermediária 3	função substantiva função adjetiva	subjativa objetiva finita não-finita

Conclusão

A proposta inicial foi analisar os estágios de gramaticalização dos processos de combinação de orações de tempo. Identifiquei, a partir de 659 ocorrências de orações de tempo, três processos pelos quais essas orações foram combinadas: parataxe, hipotaxe e encaixamento.

Dentro de cada processo, localizei diferentes estratégias ou maneiras de se construir o período, a que nomeei de estruturas. Estas funcionariam, tendo em vista o *continuum* de gramaticalização de orações, como as várias camadas intermediárias que permitiriam a ligação dos dois extremos do *continuum* citado.

No processo de parataxe, observei a existência de duas estruturas: *justapostas* e *intermediárias 1*. As *justapostas* se manifestam pela junção de duas orações, sem a presença formal de um conector. As *intermediárias 1* poderiam ser nomeadas de coordenadas, com base em dois argumentos: primeiro, porque se aproximavam daquelas em vários aspectos, tais como conector e ordem; segundo, porque esse rótulo não ofereceria dúvidas sobre o seu papel dentro do *continuum* de gramaticalização: estrutura em estágio de gramaticalização maior do que as *justapostas* e menor do que as *hipotáticas*. Entretanto, optei por um termo mais neutro que não gerasse confusões com os rótulos da gramática tradicional.

No processo de hipotaxe, encontrei também orações com dois graus diferentes de gramaticalização: estruturas *finitas* e estruturas *não-finitas*. As *finitas* trouxeram conectores explicitados e mostraram-se menos integradas do que as *não-finitas*, que dependiam de informações expressas na oração-núcleo para que alguns vazios semânticos pudessem ser inferidos em sua estrutura. Essas últimas funcionariam como uma estrutura intermediária, mais integrada do que as *finitas* e menos integrada do que as *encaixadas*.

No processo de encaixamento, observei o maior número de estruturas que poderiam ser umas mais integradas do que as outras. Distribuí essas estruturas em dois grandes conjuntos. No primeiro conjunto, reunimos orações que partilhassem características do processo anterior, hipotaxe, mas também mostrassem características de encaixamento: foram chamadas *estruturas intermediárias 2*. Os motivos que me levaram a rotulá-las assim foram os mesmos apresentados como explicações para as estruturas *intermediárias 1*, contudo em relação à hipotaxe e ao encaixamento.

O segundo tipo de encaixamento identificado foi aquele em que as orações temporais desempenhavam função sintática de orações substantivas ou adjetivas dentro da oração matriz. Essas estruturas foram rotuladas de 'estruturação de encaixamento prototípico'. As funções substantivas conjugadas à noção de tempo foram a de sujeito e de objeto direto. A única função adjetiva identificada foi a de adjunto adnominal, apresentada em orações sob duas formas: *finita* e *não-finita*.

Em referência às orações hipotáticas, notamos que algumas delas (78 ocorrências - 16%) vinham acompanhadas de um seqüenciador, tal como ocorre com as *intermediárias 1*, e ocupavam a posição anteposta à oração-núcleo. Esse achado serve de argumento para a posição das hipotáticas no *continuum* de

gramaticalização, uma vez que funcionariam como elo entre a estrutura anterior (estruturação intermediária 1) e a posterior (hipotática não-finita). A evidência para essa afirmação baseia-se no comportamento posicional dessas orações, que estão, em maioria, antepostas à outra oração - comportamento similar ao das intermediárias 1- e não permitem inversão.

Embora, aqui, não tenha explorado o aspecto da recorrência de usos, há evidências de que a alta recorrência de estruturas nem sempre pode ser correlacionada a estágios elevados de gramaticalização. As hipotáticas, por exemplo, são as mais recorrentes e as encaixadas, as menos recorrentes. Esses resultados, associados ao grau de gramaticalização, fariam com que fosse válida - equivocadamente - a afirmação de que hipotáticas são mais gramaticalizadas do que encaixadas.

Abstract

This paper discuss, from the functionalist perspective, the temporal clauses grammaticalization scale of Portuguese. Through the analysis of carioca and popular paulista dialects favours the identification of different kind of clauses combining that can explain the continuum of grammaticalization.

Keywords: Grammaticalization; Clause combining; Temporal clauses.

Notas

¹ Segundo HOPPER & TRAUGOTT (1993:124), *layering* é o resultado sincrônico de gramaticalização sucessiva de formas as quais contribuem para um mesmo domínio. Equivale, portanto, à coexistência de camadas.

² Remissão ao princípio de gramaticalização, chamado *especialização*. Por esse princípio, entende-se que uma forma começa a ser obrigatória, cessando o poder de escolha (HOPPER, 1991).

³ A parataxe, como processo de ligação, inclui tanto as ocorrências de orações justapostas quanto as de coordenadas; a hipotaxe representa a seqüência de orações que surgem da reanálise de sintagmas adverbiais, com status semântico diferente do das encaixadas; e as subordinadas dizem respeito aos períodos em que a força ilocucionária das duas orações combinadas seja idêntica, justamente por ser a oração subordinada constituinte da oração matriz.

⁴ As setas da representação visam a reproduzir em processos estruturas oracionais do menor estágio de gramaticalização para o maior estágio de gramaticalização. Essa representação confere ao modelo de representação a maleabilidade necessária para dar conta dos tipos de estruturas que podem emergir nos intervalos. Explica-se tal fato porque a gramaticalização de estruturas prevê estágios intermediários de usos e é influenciada, segundo HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER (1991a:150), por vários fatores não-estruturais, tais como contato entre línguas, interferência entre a forma escrita e a forma falada, contexto sócio-cultural, dentre outros.

⁵ Os dados que compõem a amostra são provenientes do Corpus do Português Popular de São Paulo (RODRIGUES, 1987) e do Projeto de Estudos e Usos Linguísticos - PEUL, sediado na UFRJ.

⁶ A expressão *elo perdido* foi originalmente empregada por MARIA LUIZA BRAGA para tratar daqueles itens ou estruturas que, em processo de gramaticalização, guardam características de dois estágios (um anterior e um posterior) num *continuum* unidirecional.

⁷ Segundo DU BOIS *et alii* (1973:217), elementos de informação afetivos, conotativos, estéticos estão contidos na entonação e unem-se à expressão de idéias. Com base nessas informações, nos resultados dos testes não-sistemáticos de leitura dos exemplos encontrados e na audição das gravações do português popular paulista (pop) e do português carioca (peul), observei a diferença entonacional citada.

⁸ Não foi encontrada qualquer ocorrência de oração reduzida de particípio ou de infinitivo, que fosse interpretada como oração hipotática de tempo.

⁹ A relativização remete, na gramática gerativa, à formação de uma oração relativa por transformação. Nessa formação, incluem-se o pronome relativo *que* e um sintagma nominal ao qual vai se encaixar

- ¹⁰ aquele pronome, gerando o apagamento de elementos idênticos.
- ¹¹ Essas orações aproximam-se das adjetivas restritivas da gramática tradicional.
- ¹² Essas orações desempenham função similar à da adjetiva explicativa da gramática tradicional.
- LIMA-HERNANDES (1998) considera esse conjunto de orações vinculado a um processo de encaixamento prototípico. Aqui, essa posição é revista, posto que a ambigüidade de leituras se manifesta. Esse comportamento híbrido pode ser indício de um processo em andamento, previsto como etapa intermediária de gramaticalização.

Referências bibliográficas

BRAGA, Maria Luiza. "Processos de redução: o caso das orações de gerúndio". In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). Gramática do Português Falado. Volume VI: Desenvolvimentos. São Paulo/Campinas, Fapesp/Editora da Unicamp, 1996, pp. 231-251.

_____. "As orações de tempo no discurso oral". In: Cadernos de Estudos Lingüísticos (28), pp. 85-97. Campinas, Unicamp/IEL, 1995.

CRAIG, Colette G. "Ways to go in Rama: a case study in polygrammaticalization". In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.). Approaches to Grammaticalization. Volume II: Focus on Types of Grammatical Markers. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 45-49.

DUBOIS, Jean et alii. Dicionário de Lingüística. São Paulo: Cultrix, 1973.

FRAJZYNGIER, Zygmunt. Grammaticalization of the Complex Sentence: a case study in Chadic. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1996.

GIVÓN, T. "The evolution of dependent clause morpho-syntax in Biblical Hebrew". In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.). Approaches to Grammaticalization. Volume II: Focus on Types of Grammatical Markers. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 257-310.

HALLIDAY, Michael A. K. & HASAN, Ruqaiya. Cohesion in English. 5ª ed. London: Longman, 1983.

HARRIS, Alice & CAMPBELL, Lyle. "On the development of complex constructions". In: Historical syntax in cross-linguistic perspective. Cambridge, Cambridge University Press, 1995, pp. 282-313.

HEINE, Bernd & CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. Grammaticalization: a conceptual framework. Chicago/London, The University of Chicago Press, 1991.

_____. "From Cognition to Grammar – evidence from African Languages". In: TRAUGOTT, E.C. & HEINE, B (eds.) Approaches to Grammaticalization. Volume I: Focus on Theoretical and Methodological Issues. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991b, pp. 149-187.

HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Grammaticalization. Cambridge, Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, Paul J. "On Some Principles of Grammaticization". In: TRAUGOTT, E.C.

& HEINE, B (eds.) *Approaches to Grammaticalization. Volume I: Focus on Theoretical and Methodological Issues*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 17-35.

_____. & Sandra A. THOMPSON. "The iconicity of the universal categories 'noun' and 'verb'." In Haiman, John (editor). *Iconicity in syntax*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1985:151-183.

LEHMANN, Christian. "Towards a typology of clause linkage". In: HAIMAN, John & THOMPSON, Sandra A (ed.). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988, pp.181-225.

_____. "Grammaticalization and related changes in contemporary german". IN: TRAUOGOTT, E.C. & HEINE, B.(eds.) *Approaches to Grammaticalization .Volume II: Focus on Types of Grammatical Markers*. Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 493-535.

LIMA-HERNANDES, M.C. *Gramaticalização da Combinação de Cláusulas: Orações de tempo no Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1998.

MANN, William C. & THOMPSON, Sandra A. "Relacional Propositions in Discourse". In: *Discourse Processes* (9), pp.57-90, 1986.

MITHUN, Marianne. "Role of Motivation in the Emergence of Grammatical Categories: the grammaticization of Subjects". In: TRAUOGOTT, E.C. & HEINE, B.(eds.) *Approaches to Grammaticalization .Volume II: Focus on Types of Grammatical Markers*. Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 159-184.

RODRIGUES, Angela Cecília de Souza. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. Tese de doutoramento. São Paulo:USP, 1987.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, Sandra A. " 'Subordination' in formal and informal discourse". In: SCHIFFRIN, Deborah (ed.) *Meaning, form and use in Context: Linguistic Applications*. Washington D.C., Georgetown University Press, 1984, pp.85-94.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs & KÖNIG, Ekkehard. "The Semantics-Pragmatics of Grammaticalization Revisited". In: TRAUOGOTT, E.C. & HEINE, B.(eds.) *Approaches to Grammaticalization. Volume I: Focus on Theoretical and Methodological Issues*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 189-218.